

## OS TEXTOS DE CRIANÇAS NO INÍCIO DA ESCOLARIZAÇÃO E A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO ESCRITA DE ALUNOS ALFABETIZANDOS<sup>1</sup>

Aeolane Coelho Sousa (UFAC)<sup>2</sup>

[aeolane@hotmail.com](mailto:aeolane@hotmail.com)

Universidade Federal do Acre – UFAC

Shelton Lima de Souza (UFAC)<sup>3</sup>

[shelton.linguista@gmail.com](mailto:shelton.linguista@gmail.com)

Universidade Federal do Acre – UFAC

### RESUMO

A pesquisa em questão foi realizada na escola Estadual de Ensino Fundamental João Eduardo, localizada no município de Rio Branco, estado do Acre. Nessa instituição, foi feita uma observação direta das práticas pedagógicas de um professor alfabetizador, cujo objetivo principal era recolher atividades escritas, desenvolvidas pelo educador, para analisar-se a transferência de elementos da oralidade para a escrita de alunos alfabetizandos. Nessa perspectiva, foram analisadas cerca de 70 textos escritos que, dentre outras peculiaridades do processo de alfabetização, apresentavam algumas transferências de fones do português para a escrita do aluno alfabetizando. Como subsídio teórico para a análise dos dados, recorreremos a Cagliari (2009), Soares (2001), os quais relacionam os temas alfabetização, linguística e letramento e Cristófar-Silva para as questões que envolvem aspectos fonéticos do português.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fonética-fonologia; Oralidade; Escrita; Alfabetização; Interferência.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Simpósio Linguagens e Identidades na Amazônia Sul-Occidental: Diásporas Amazônicas e Interculturalidade e VI Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia” realizados no campus da Universidade Federal do Acre nos dias 4 a 8 de novembro de 2013.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Letras-Português e pesquisadora voluntária do Programa Voluntário de Iniciação Científica da Universidade Federal do Acre – PIVIC/UFAC.

<sup>3</sup> Professor Assistente II do Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre – CELA/UFAC e doutorando em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Com o passar do tempo, a linguística tem aberto discussões acerca de temáticas pertinentes à educação, principalmente ao ensino de língua portuguesa. Nesse meio, alguns estudiosos da área estão desenvolvendo pesquisas em torno da relação existente entre alfabetização e linguística.

A linguística é concebida como uma ciência que, ao estudar a linguagem humana, recebe o papel de auxiliar a renovação de metodologias e práticas que envolvam o ensino de línguas, seja estrangeira ou materna. Logo, a alfabetização, compreendida como o primeiro passo de aprendizagem linguística, com foco na escrita, tem se subsidiado da linguística para problematizar práticas tradicionais de ensino e propor metodologias mais eficazes de combate ao analfabetismo e, particularmente, ao analfabetismo funcional.

A alfabetização é considerada o processo que leva alguém a saber ler e escrever. Ou seja, um processo que torna um indivíduo conhecedor das estruturas – regularidades e idiossincrasias – comuns de um sistema de escrita. De acordo com Cagliari (2009), é preciso criar funções para essa aprendizagem, atribuindo sentido às práticas pedagógicas para que a criança consiga desenvolver habilidades até então desconhecidas. Quando ela consegue dar significado à escrita, - entende-se que esse sentido acontece pela interação do aluno com o sistema de códigos -, o reconhecimento e a associação das letras com os fonemas pertencentes à língua portuguesa pelo alfabetizando será facilitado. Esse processo requer tempo, devido à existência de idiossincrasias no alfabeto do português brasileiro (LEMLE, 2001).

Importante frisar que, segundo Chomsky (1996), a criança é dotada de uma capacidade natural – linguagem – para desenvolver uma língua qualquer. Essa capacidade, atrelada à interação com o meio, faz a criança adquirir a oralidade. Vemos, portanto, que a fala – ou representação concreta da linguagem humana – é adquirida espontaneamente. Diferentemente da oralidade, a variedade escrita da língua requer uma instrução formal. Sendo assim, compreendemos que ao assimilar as características dos textos escritos, o aprendiz precisa dar sentido ao que aprendeu. Esse sentido será o uso da escrita em situações sociais que a exigem para criar elos comunicacionais. Logo, atualmente, não se tem uma visão do processo de alfabetização somente atrelada às estruturas linguísticas, sendo que estas estão envoltas aos significados reais que a escrita possui na sociedade

contemporânea (SOARES, 2004). Esse novo olhar sobre a interrelação entre escrita e o seu uso nos diferentes meios é o que se chama de letramento. Soares (2001) afirma que a escola ainda é a agência de letramento de maior importância na sociedade, pois é através dela que serão apresentadas ao mundo contemporâneo o sistema da escrita e, consubstancialmente, os diversos meios pelo se exigem o uso da escrita.

No entanto, a autora frisa que é importante diferenciar os processos de alfabetização e letramento – deixando claro que, embora sejam inter-relacionáveis, são processos de natureza distinta. Para Soares, a tendência natural hoje na contemporaneidade é fundir os dois conceitos, a ponto de se apagar as diferenças existentes entre eles e inserir o processo de letramento como superior ao de alfabetização. Nesse sentido, Soares considera importante que não se elimine entre os pesquisadores e a sociedade envolvente a noção de alfabetização já que, devido à sua ligação ao termo Letramento (necessária muitas vezes e imperiosa), acabou se tornando, em várias situações, um processo obsoleto. Soares explica que:

No Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito de letramento, por razões que tentarei identificar mais adiante, o que tem conduzido a um certo apagamento da alfabetização que, talvez com algum exagero, denomino *desinvenção da alfabetização*, de que trato em seguida (SOARES, 2005, p. 8).

Ao nosso ver, não é possível falar sobre práticas sociais de leitura e escrita sem fazer menção às características estruturais existentes nos textos. Ou seja, para se ler e escrever em variados espaços sociais, faz-se necessário compreender a estrutura linguística desses elementos. A essa questão, Soares discute:

Dirigindo-se o foco para o processo de construção do sistema de escrita pela criança, passou-se a subestimar a natureza do objeto de conhecimento em construção, que é, fundamentalmente, um objeto linguístico constituído, quer se considere o sistema alfabético quer o sistema ortográfico, de relações convencionais e frequentemente arbitrárias entre fonemas e grafemas. Em outras palavras, privilegiando a faceta psicológica da alfabetização, obscureceu-se sua faceta linguística – fonética e fonológica (SOARES, 2004, p. 11).

Vemos que Soares chama a atenção para o fato de que métodos de ensino, consubstancialmente teóricos, praticamente não se utilizam dos elementos

linguísticos no processo de ensino-aprendizagem dos constituintes da escrita. Dessa forma, desenvolveu-se, ao longo do tempo, a ideia de que sistemas convencionais como a escrita podem ser aprendidos somente inserindo o aprendiz a contextos que se fazem uso dela de “forma incidental, implícita, assistemática no pressuposto de que a criança é capaz de descobrir por si mesma as relações fonema-grafema, em sua interação com material escrito e por meio de experiências com práticas de leitura e de escrita” (SOARES, *op. cit.*, 14).

Portanto, entendemos que é importante que o professor-alfabetizador compreenda como se constitui o texto de seu aluno. Quais são as características desse texto, quais são as suposições que o aluno está fazendo diante de possibilidades de que letras usar em determinada situação e, principalmente, no qual será o nosso enfoque maior, entender como se dá a entrada de elementos da oralidade na escrita dos alfabetizandos.

Assim, neste trabalho, embora compreendamos que é importante entender a relação existente entre alfabetização – processo de aprendizagem que envolve escrita e leitura – e letramento – as diferentes facetas sociais da leitura e da escrita –, pois, sem dúvida, são processos indissociáveis, focaremos o nosso olhar sobre a relação oralidade e escrita para se compreender como, a todo momento, a criança se subsidia de elementos de seu conhecimento prévio – a fala – para produzir os seus primeiros textos.

## **1 AMBIENTE DA PESQUISA E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS**

Para tal intento e, tendo em vista que tratar de oralidade é referir-se às questões fonéticas da língua portuguesa, este capítulo visa a discutir a relação entre oralidade e texto escrito produzido por estudantes do Ensino Fundamental I da Escola Estadual de Ensino Fundamental João Eduardo, localizada no bairro João Eduardo, município de Rio Branco-AC. Nessa instituição, foi feita uma observação direta das práticas pedagógicas de um professor alfabetizador, cujo objetivo principal era recolher atividades escritas, desenvolvidas pelo educador e produzidas por seus alunos alfabetizandos, para analisar-se a transferência de elementos da oralidade para a escrita desses alunos.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram analisados cerca de 70 textos escritos que, dentre outras peculiaridades do processo de alfabetização, apresentavam algumas transferências de fones do português oral para a escrita do aluno alfabetizando. Como subsídio teórico para a análise dos dados, recorreremos a Soares (2001), os quais relacionam os temas alfabetização, linguística e letramento e Cristófaros-Silva (2007) e Cagliari (2009) para as questões que envolvem aspectos fonéticos do português.

## 2 ANÁLISE DOS DADOS

A partir da análise dos textos produzidos pelos alunos alfabetizando e da observação direta em sala de aula, onde presenciamos diversas atividades produzidas pelo professor direcionadas aos alunos, detectamos algumas transferências dos sons da oralidade para o texto escrito.

Utilizamos, para a análise pretendida, os quadros fonéticos – consonantal e vocálico do português – propostos por Cristófaros-Silva (2007) para identificarmos os principais fones que foram usados pelos alunos ao transferirem características da fala para a escrita.

Destacamos com um círculo os principais fones consonantais que foram transferidos para os textos escritos analisados:

Quadro 1 – Fones consonantais do Português							
Ponto	Bilabial	Labiodental	Alveolar	<u>Alveopalatal</u>	Palatal	Velar	<u>Glotal</u>
<b>Modo</b>							
<b>Oclusivo</b>	(p b)		t d			(k g)	
<b>Africada</b>				tʃ dʒ		x	h
<b>Fricativa</b>		f v	(s z)		(ʃ ʒ)		
<b>Nasal</b>	m		n		ɲ	ŋ	
<b>Flap</b>			r				
<b>Lateral</b>			l		ʎ		

Quadro 2 – Fones vocálicos orais do Português				
		Anterior	Central	Posterior
<b>Alta</b>		i		u
<b>Média</b>	Aberta	e		o
	Fechada	ɛ		ɔ
<b>Baixa</b>			a	

Nos quadros 1 e 2, é possível visualizar as principais consoantes e vogais, respectivamente, usadas pelos alunos em situação de transferência da oralidade para escrita. Quanto ao modo de articulação, os fones mais recorrentes nos dados foram o oclusivo e o fricativo. Já em relação ao ponto de articulação, houve predominância do bilabial, alveolar, palatal e velar.

Em se tratando das vogais, constatou-se apenas uma relação entre as vogais posteriores altas e centrais.

Com a finalidade de facilitar a visualização dessas transferências, desenvolvemos um quadro, com a seguinte sistematização:

1. Ortografia da palavra analisada;
2. Transcrição fonética;
3. Escrita do aluno;
4. Escrita alvo do aluno;
5. Letra (com influência da oralidade) produzida pelo aluno.

Quadro 3 – Algumas transferências da oralidade para o texto escrito de alunos alfabetizando				
Ortografia	Transcrição fonética	Escrita do aluno	Letra alvo do aluno	Letra – com influência da oralidade – produzida pelo aluno
Carro	[ka'hu]	CRRU	o	u [u]

<b>Carro</b>	[ka'hu]	KARU	c/o	k [k]/ u [u]
<b>Galinha</b>	[ga'liɲe]	KA	g	k [k]
<b>Abacaxi</b>	[abaca'ʃi]	ABAKAXI	c	k [k]
<b>Abacaxi</b>	[abaca'ʃi]	ABACAGI	x	g [ʒ]
<b>Parafuso</b>	[para'fuzʊ ]	PARAFUZ	s	z [z]
<b>Pião</b>	[pi'ẽw]	BI	p	b [b]
<b>Pião</b>	[pi'ẽw]	BIÃO	p	b [b]
<b>Navio</b>	[na'viw]	NAVIU	o	u [u]
<b>Galo</b>	[ˈgalʊ]	GALU	o	u [u]
<b>Abacaxi</b>	[abaca'ʃi]	ABAKAXI	c	k [k]

O quadro 3 nos mostra algumas transferências de fones para o texto escrito do auxiliar de pesquisa. Nesse momento, não tendo um bom conhecimento da escrita, o alfabetizando se subsidia da oralidade e usa no lugar da letra que ele desconhece, aquela que representa o fone que é de seu conhecimento. Dessa forma, no quadro acima podemos identificar dois tipos de transferência: **Transferência oriunda de regras fonético-fonológicas do português** e **transferência direta de fones da oralidade para escrita**. Abaixo, seguem-se alguns exemplos dos dois tipos de transferências:

- **TRANSFERÊNCIA ORIUNDA DE REGRAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS DO PORTUGUÊS:**

**a) Levantamento de vogal média-fechada:**

(1) [o]→[ʊ]/[w]

Ex. [ˈkahʊ] – CRRU/KARU – ‘carro’  
[na'viw] – NAVIU – ‘navio’  
[ˈgalʊ] – GALU – ‘galo’

Em (1), ocorre um levantamento do fone [o] em posição átona/final de sílaba. Segundo Cristófar-Silva, essa é uma regra fonológica do português bastante produtiva.

**b) Sonorização de consoantes:**

(2) [p]→[b] – 8.[pi'ẽw] – BIÃO/BI – 'pião'

[k]→[g] – 5. [abaca'fj] – ABACAGI – 'abacaxi'

**c) Ensurdimento de consoante:**

(3) [g]→[k] – 3.[ga'lĩɲe] – KA – 'galinha'

Nos exemplos (2) e (3), os fones [b], [k] e [g] são substituídos pelo seus correspondentes surdo, no caso de [b] e [k], e sonoro para o fone [g].

**• TRANSFERÊNCIA DIRETA DE FONES DA ORALIDADE PARA ESCRITA**

**d) Uso da letra z como correspondente ao fone [z]**

(4) s→z [z] – [para'fuzv] – PARAFUZ

**e) Uso da letra k como correspondente a letra c pela influência do fone [k]**

(5) c→k [k] – [ka'hv] – KARU

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do texto, fizemos algumas considerações em torno do processo de aprendizagem da escrita por alunos alfabetizando em uma escola do município de Rio Branco-AC, dando destaque para as interferências da oralidade nos textos escritos.

A partir das observações feitas das aulas do professor-alfabetizador, identificamos que não há uma preocupação do docente em sistematizar “os erros” de escrita de seus alunos para melhor auxiliá-los nesse processo de aprendizagem.

Compreendemos que a sistematização de inadequações textuais é uma base importante para a produção de material didático que vise a uma melhor produção de textos escritos por iniciantes no processo de aprendizagem da escrita.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CAGLIARI, L. C. **Análise Fonológica**: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

\_\_\_\_\_. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CRISTÓFARA-SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2007.

CHOMSKY, N. **Linguagem e Mente**. Tradução de Lúcia Lobato. Brasília: UnB, 1998.

KATO, M. A. **No Mundo da Escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1987.

LEMLE, M. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ampliada, 2001.

SOARES, M. **Letramento e Alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, n.º 25, 2004.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e escola*: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 2005.